

## OS INIMIGOS DOS ROMANOS

Sob o *Imperium* de Graciano no Tratado *De Fide* de Ambrósio, Bispo de Milão (Séc.IV d.C)

JANIRA FELICIANO POHLMANN\*

### RESUMO

Neste artigo, através de análises do tratado *De fide*, de autoria de Ambrósio, bispo de Milão, buscamos compreender de que maneira o milanês identificou os inimigos que assolavam sua comunidade: especialmente arianos e godos, nomeados respectivamente como hereges e selvagens. Sugerimos que, com o intuito de apaziguar as ameaças internas e externas daquele momento, o bispo delineou o augusto ocidental daquela época como um governante ideal. Para tanto, descreveu Graciano como um imperador cristão, atento a estes problemas e preparado para enfrentá-los. Ao passo que o milanês caracterizava ações e crenças como corretas, edificava atitudes e noções que poderiam causar malefícios a sua comunidade.

**Palavras-chave:** Ambrósio, bispo de Milão; imperador Graciano; *De fide*.

### ABSTRACT

In this article, through analysis of the treatise *De fide*, of Ambrose, bishop of Milan, we seek to understand how the Milanese author identified the enemies that plagued his community: especially Arians and Goths, named as heretics and wild, respectively. We suggest that, in order to appease the internal and external threats of that moment, the bishop outlined the Western august of that time as an ideal ruler. Therefore, he described Gratian as a Christian emperor and as a leader aware of these problems and prepared to face them. While the Milanese characterized actions and beliefs as correct, he edified attitudes and ideas that could cause harm to his community.

**Keywords:** Ambrose, bishop of Milan; emperor Gratian; *De fide*.

---

\*Doutoranda em História Antiga pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES. Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos da UFPR (NEMED-UFPR). Endereço eletrônico: janirapo@yahoo.com.br.

---

---

## Introdução

Ao dedicar-se à escrita de um artigo de caráter acadêmico-científico, o historiador enfrenta constantes revisões e reelaborações de teorias e metodologias de trabalho que regem seu ofício. Como sabemos, os documentos históricos de qualquer natureza - sejam eles textos escritos, afrescos, mosaicos, esculturas, edificações, moedas e outros - apontam de maneira direta ou indireta, com mais ou menos clareza, seu momento de produção. Mesmo que sejam apenas indícios, estas informações estão lá, aguardando por leituras atentas e incansáveis questionamentos.

Como asseverou Marc Bloch, “por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem [...], por trás dos escritos aparentemente mais insípidos [...], são os homens que a história quer capturar. [...] Onde [o historiador] fareja a carne humana, sabe que ali está sua caça”<sup>1</sup>. Nesta circunstância, ao historiador cabe examinar atentamente a documentação produzida para alcançar uma compreensão mais ampla das histórias vividas em tempos passados. E neste caminho, abrimos espaço para buscamos os rastros subjetivos deixados por sujeitos da história em suas obras. Nos textos de autoria de Ambrósio, bispo de Milão de 374 a 397, por exemplo, a presença forte de um teólogo niceno pode ser notada quando das avaliações positivas empregadas ao credo de 325 e pelas ponderações negativas, dirigidas especialmente contra as ideias *homoeans*.

O desejo de apreciar algumas de nossas heranças ocidentais tem movido nossas pesquisas históricas desde a Iniciação Científica realizada durante a graduação em História. É certo que a máxima popular “conhecer o passado para prevenir erros futuros” já foi descartada entre os historiadores. Mas os homens são sustentados por tradições, evidentemente reconfiguradas. As histórias nos legitimam, demonstram aos outros nossas identidades, nossos lugares de pertença. Por isso, entender de “onde viemos” é tão significativo para os homens como indivíduo e como sociedade. Deste modo, não estranhamos a solicitação de Umberto Eco para que “o maior número possível de nossos semelhantes conheça o passado”<sup>2</sup>. Entretanto, este olhar para o passado, por vezes impulsionado por mera curiosidade, deve vir acompanhado pelo saber, caso contrário, tornam-se apenas anedotas interessantes de serem cantaroladas em conversas com amigos.

Muitas vezes nossas certezas, dúvidas, nossos sentimentos, comportamentos, etc. são baseados em tradições. Alguns medos ocidentais, como inquietações geradas perante o que é distinto, sempre marcaram o cotidiano humano e foram registrados desde tempos remotos.

Nosso caminho de pesquisadora levou-nos a analisar construções textuais que elaboravam apreensões perante o diferente - o outro -, ao passo que construíam identidades - agregadoras e excludentes - e, concomitantemente, elegiam e legitimavam um indivíduo como comandante e protetor. Este último passo, por vezes, ajudou a edificar e amparar instituições formadas por estas pessoas destacadas, como foi o caso da figura imperial ou da instituição imperial.

No mundo romano, ao longo dos tempos, enquanto pessoas foram escolhidas para desempenhar o papel do imperador, outras produziram documentações de natureza diversificada para justificar a existência de um dirigente soberano. Desta forma, a prática dos detentores do *imperium* e as teorias políticas que os acastelavam providenciaram um processo de reconstrução contínua da instituição imperial. Nesta ocasião, noções abstratas político-administrativas, condutas sociais e valores morais eram materializados

---

1 BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Prefácio de Jacques Le Goff, apresentação à edição brasileira, Lília Moritz Schwartz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.54.

2 CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. *Não contem com o fim do livro*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010, p.250.

em elaborações discursivas, adquiriam visibilidade e misturavam-se a vida prática.

### Representações dos inimigos estrangeiros dos romanos pela pena de Ambrósio, bispo de Milão

No seu tratado *Sobre a fé (De fide)*, redigido entre 378/379? e 383, Ambrósio registrou claramente duas grandes ameaças que rondavam a sociedade na qual vivia: os bárbaros, em especial os godos; e as heresias, principalmente a ariana. Para o desassossego ambrosiano, as tribos godas representavam, ao mesmo tempo, tanto a temida barbárie como a desprezível heresia.

Lembremos que as usurpações também eram temores constantes daquele cenário, mas elas não foram referenciadas na obra *De fide*. Simultaneamente às críticas lançadas sobre os perigos supracitados, o autor autenticou as ações de Graciano como um eleito de Deus e, conseqüentemente, como um dirigente primoroso para os romanos.

Composto por cinco livros dedicados a Graciano, em seu tratado, Ambrósio discorreu sobre os dogmas nicenos, principalmente, sobre a Divina Trindade. A fim de fundamentar suas argumentações, o autor lançou mão de variadas reprovações dirigidas a “ímpia heresia dos arianos” (*impia arianorum haeresis*)<sup>3</sup> e, em contrapartida, afirmou a crença asseverada no Concílio de Niceia de 325 como exclusiva e verdadeira.

Neste escrito, a legitimidade de Graciano foi reforçada frente a qualquer tipo de ameaça que pudesse se instaurar naquela sociedade. Uma prática sempre necessária em um ambiente propício a diminuição e/ou extermínio de poderes. Vidas eram dizimadas em prol da manutenção ou da aquisição de poderes - uma frase que infelizmente não podemos considerar apenas no participio passado. Manter-se protegido por sua utilidade pública garantia ao governante mais chances de preservar seu *imperium* e sua vida. Observamos, todavia, que mesmo com todo este aparato, pouco tempo depois da publicação dos cinco livros do *De fide*, Graciano foi assassinado devido a enfrentamentos com Magno Máximo. Os medos de Ambrósio não eram em vão. Ameaças diversas afligiam aquela sociedade.

O milanês esclareceu que Graciano havia solicitado-lhe que escrevesse a respeito de sua fé no momento em que o augusto se preparava para combater tribos estrangeiras: “Pedeme, santo imperador, um pequeno livro sobre a fé, quando está pronto para partir para a batalha”<sup>4</sup>. Lembremos que ameaças advindas de grupos estrangeiros eram perigos frequentes na época ambrosiana. No momento em que o bispo iniciara a redação do *De fide*, em 378 ou início de 379, por exemplo, a dinastia valentiniana sofrera com morte de um importante membro: Valente, tio de Graciano e imperador dos territórios romano-orientais. Tribos estrangeiras, especialmente alanos, godos, sármatas e hunos, organizavam empreitadas para adentrar em terras romanas. Em um destes embates contra os godos, Valente faleceu, deixando um vazio no poder imperial, o qual seria rapidamente ocupado por Teodósio I, em janeiro de 379.

É interessante notarmos que o bispo fez questão de nomear de modo claro o principal grupo bárbaro que ameaçava os romanos naquele momento: os godos.

<sup>3</sup>De fato, já naquele tempo Ezequiel profetizou a guerra contra os godos e nossa futura espoliação; como está escrito: “Por esta razão profetiza, filho do homem, e isto diz o Senhor: O gog, naquele dia no qual meu povo de Israel habitar em paz, tu te organizarás em movimento. Surgirás e virás de tua terra, do extremo norte: numerosas gentes contigo, todos montados a cavalos, uma assembléia enorme e um exército imenso. E subirás contra meu povo de Israel, como nuvem, cobrirás a terra no fim dos dias, etc. Gog

<sup>4</sup> AMBROSIUS, *De fide* I, 10.

4 AMBROSIUS, *De fide* I, 3: “*Petis a me fidei libellum, sancte imperator, profecturus ad praelium.*”

---

---

é este godo”.<sup>5</sup>

Nesta estrofe, o bispo buscou amparo nas Escrituras para asseverar suas palavras. De acordo com este texto, em tempos passados, o profeta Ezequiel havia previsto o levante gog contra o povo de Deus. Ambrósio identificou tal ameaça com a denominação de uma tribo tão bem conhecida por ele: “Gog é este godo.” No discurso ambrosiano, aquela antiga profecia de Ezequiel recebeu identidade e contexto: os godos representavam o perigo estrangeiro que afrontava o *imperium* de Graciano e afligia povo de Deus.

Nesta passagem do *De fide*, as palavras daquele profeta ganharam forma física - estampada nos corpos, rostos e ações dos godos - e fizeram-se assustadoramente ameaçadoras. O inimigo profetizado recebeu representação física e tornou-se bastante presente no cotidiano dos romanos. Através da elaboração retórica ambrosiana, a abstração das Escrituras encontrou lugar na realidade. Conforme as indicações do milanês, a guerra contra os godos ocasionaram pilhagens no mundo romano. Percebemos que o autor buscou a previsão destes danos nos textos de Ezequiel, os quais anteciparam que os combates contra este grupo estrangeiro trariam a futura espoliação do povo de Deus.

A respeito deste mesmo cenário, Amiano Marcelino registrou alguns dos prejuízos causados aos romanos pelos godos. Conforme o historiador, os godos, encarregados de proteger o quartel de inverno situado em Adrianópolis, rebelaram-se contra ordens de Valente e mataram muitos habitantes que “tinham se mostrado mais ousados, rechaçaram o resto, despojaram os cadáveres romanos de suas roupas e de suas armas”<sup>6</sup>. Estes godos reuniram-se a outros grupos estrangeiros e espalharam danos e aflições pelos territórios romanos. Segundo Amiano Marcelino, não houve distinção de sexo nem de idade, os bárbaros levaram a devastação por onde passavam: filhos foram levados de suas mães e assassinados; esposas foram obrigadas a ver seus maridos serem mortos; crianças e jovens foram arrastados por entre os cadáveres de seus pais; muitos anciãos, após perderem suas riquezas e esposas, foram arrastados sobre as cinzas de suas casas<sup>7</sup>.

Tanto nas elaborações ambrosianas como nas deste historiador da IV centúria, os godos e as tribos estrangeiras que a eles se uniram foram delineados como selvagens, contrariando os critérios da *ciuilitas* (“civilidade”, cortesia) dos romanos. Em ambas as referências dos autores nomeados, notamos, em especial, a apreensão causada por aqueles grupos. Uma ansiedade digna de ser notificada pelas palavras grafadas.

Além de registrar que os bárbaros saqueavam cidades<sup>8</sup>, Ambrósio havia salientado que aqueles homens assassinavam cidadãos, violavam mulheres e seriam capazes de destruir o mundo<sup>9</sup>. Com relação especialmente aos godos, os medos do bispo foram expostos tanto na oração *De excessu fratris* I como nos livros I e II do tratado *De fide*. Tais

---

5 AMBROSIIUS, *De fide* II, 16, 137-138: “*Namque et futuram nostri depopulationem, et bella Gotgorum Ezeehiel illo jam tempore prophetavit; sic enim habes: Propterea prophetiza, fili hominis, et dic: O Gog, haec dicit Dominus: Nonne in die illa cum constituetur habitare populus meus Israel in pace, surges et venies de loco tuo, ab extremo Aquilone: et gentes tecum multe, sessores equorum aomnes, congregatio multa et magna, et vistus copiosa; et ascende in novissimis diebus, etc.*” (Ez. 38, 14-16.). 138. *Gog iste Gothus est.*”

6 AMBROSIIUS, *De fide* II, 16, 137-138: “*Namque et futuram nostri depopulationem, et bella Gotgorum Ezeehiel illo jam tempore prophetavit; sic enim habes: Propterea prophetiza, fili hominis, et dic: O Gog, haec dicit Dominus: Nonne in die illa cum constituetur habitare populus meus Israel in pace, surges et venies de loco tuo, ab extremo Aquilone: et gentes tecum multe, sessores equorum aomnes, congregatio multa et magna, et vistus copiosa; et ascende in novissimis diebus, etc.*” (Ez. 38, 14-16.). 138. *Gog iste Gothus est.*”

AMMIANUS MARCELLINUS, *Res Gestae* 31, 6, 3: “*et caesis plurimis, quos impetus deceperat petulantior, aversisque residuis et telorum varietate confixis, habitu iam Romano cadaveribus spoliatis armati.*”

7 AMMIANUS MARCELLINUS, *Res Gestae* 31.

8 AMBROSIIUS, *De fide* II, 16, 137-138.

9 AMBROSIIUS, *De ex. frat.* I, 30.

obras foram redigidas entre 378 e 380, época em que o Império dos romanos sofria com levantes de várias tribos bárbaras. É interessante notarmos que os olhos de Ambrósio estavam focados nos godos, naqueles que desrespeitaram os acordos firmados com os imperadores.

Lembremos, entretanto, que ao se referirem a grupos estrangeiros a maioria dos autores romanos não os diferenciavam entre si. Denominavam-nos como bárbaros (despojados de “civilidade”, selvagens) e entrelaçavam a esta nomenclatura a carga pejorativa da *ferocitas*, por vezes agravada pelos danos da heresia ou do paganismo. Por isso, é instigante analisarmos documentos que especificam “sobre quem se fala” - mesmo que saibamos que um discurso produzido com base na alteridade pode trazer engodos e semelhanças inexistentes.

Amiano Marcelino apresentou diversas tribos bárbaras ao longo de sua *Res Gestae*. Diferenciou-as quando o quesito era sua localização espacial e, por vezes, indicou seus comandantes. Aproximou-as ao fazer alusão ao comportamento destas, tendo a ferocidade como ponto comum entre estes grupos. Dentre as tribos mencionadas por este antigo historiador, percebemos que os godos (em suas variadas divisões: tervingos, greuntungos e outras) tiveram liderança ativa nos tumultos de 378<sup>10</sup>. Fritigerno, chefe de um dos grupos godos que viveu em território romano, por algum tempo havia sido fiel aos acordos com os romanos, porém nunca se afastou dos reis (*reges*) godos. Descontente com o descumprimento do acordado anteriormente, Fritigerno chefiou diversas batalhas contra os exércitos romanos e foi descrito por Amiano como um “temido comandante” (*formidati ducis*) dentro do mundo romano<sup>11</sup>.

Renan Frighetto recorda-nos a adoção do cristianismo ariano por parte de Fritigerno e de Úlfilas, importantes líderes daquelas tribos, como instrumento de aproximação e de integração de seu grupo a romana *ciuilitas*<sup>12</sup>.

Sob o ponto de vista ambrosiano, além da violência e da desordem que os godos poderiam causar, eles ainda trariam consigo a heresia ariana. Desta maneira, uma ameaça considerada como externa - os godos - alimentava uma calamidade que já assolava internamente o mundo romano - o arianismo. Este era mais um motivo significativo encontrado pelo milanês para afastar aqueles estrangeiros dos domínios romanos.

É certo que alanos, hunos, sármatas e outras tribos ameaçavam as terras romanas naquele momento. Todavia, tanto as informações do historiador Amiano Marcelino, como as do bispo de Milão confirmam a potência do perigo godo, porém não sua exclusividade.

Neste ínterim, os levantes bárbaros acarretaram abundantes perdas para o *orbis romanorum*. A exposição a variados modos de violência rondava o cotidiano daquela sociedade. Para complicar ainda mais a situação, Valente e seu exército tinham sido derrotados em Adrianópolis, o que enfraqueceu demasiadamente as forças romanas. A morte de Valente foi um golpe para o *imperium* e também para a dinastia valentiniana, a qual brevemente cederia lugar à teodosiana.

Nos textos ambrosianos, tanto na oração *De excessu fratris I*, quanto no *De fide I* e *II*, o bárbaro foi representado pelos godos, por aqueles cuja designação cabia perfeitamente na profecia de Ezequiel. “*Gog iste Gothus est*”, asseverou o sacerdote milanês. De fato, entre as tantas tribos estrangeiras que afligiam os romanos no contexto das campanhas de 378, muitos documentos da época mostram-nos a primazia goda. Coube a Ambrósio, buscar nas Escrituras a confirmação deste risco. Notamos como o elemento

---

10 AMMIANUS MARCELLINUS, *Res Gestae* 31.

11 AMMIANUS MARCELLINUS, *Res Gestae* 31, 12, 14-15.

12 FRIGHETTO, Renan. “Religião e política na Antiguidade Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV”, *Dimensões*. Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo. vol. 25, 2010, p.120.

---

---

da predestinação se fazia presente em seus escritos. As palavras das Escrituras eram consideradas sábias, verdadeiras e sagradas. Elas informavam, alertavam e ensinavam, por isso, os valores ali propostos, deveriam ser aceitos e observados diariamente.

Neste processo de elaboração de seus discursos, Ambrósio divulgava as palavras das Escrituras, tornando-as cada vez mais conhecidas e, simultaneamente, fazia com que os versos do próprio bispo fossem corroborados por aquela obra - entendida como sagrada. Em conformidade com esta lógica da retórica a liderança e a autoridade ambrosiana sobre a comunidade milanesa e seus arredores eram intensificadas. Tal proeminência, por sua vez, promovia a aproximação entre sacerdote e imperador. Poder espiritual e temporal uniam-se para defender a *verdadeira* fé, aquela baseada no Concílio de Niceia.

Da mesma forma que o milanês buscou nas Escrituras a situação ameaçadora provocada pelos godos, estes textos sagrados também foram utilizados pelo autor para prever a vitória romana:

"Gog é este godo, quem já vemos em movimento, sobre o qual nos é prometida vitória futura, disse o Senhor: "Saquearão aqueles que os saquearam, e espolarão aqueles que os espoliaram, disse o Senhor. E naquele dia, darei a gog" - isso é, aos godos - "um local famoso, um sepulcro em Israel, repleto de muitos homens, que viveram junto ao mar."<sup>13</sup>

O então general Teodósio necessitou reconstruir o exército romano vencido em Adrianópolis por ocasião dos embates com os godos que resultou na morte de Valente. Por suas vitórias, Teodósio foi aclamado *augustus* por suas tropas e nomeado por Graciano em 379. Depois de muitos enfrentamentos nos arredores de Adrianópolis, ao final do ano de 380, a situação do exército romano tornou-se favorável naquela região. Então, Teodósio estabeleceu-se em Constantinopla, onde fixou definitivamente sua residência. Todavia, Renan Frighetto elucida que o problema dos assentamentos das tribos bárbaras não havia sido resolvido. Por isso, foi necessário "negociar uma paz com as lideranças godas e alanas, culminada com a fixação dum pacto (*foedus*) no ano de 382".<sup>14</sup>

Embora o texto ambrosiano tenha sido redigido antes da celebração desta paz, possivelmente entre 378 e 379, sob o *imperium* de Graciano e o comando do general Teodósio as tropas romanas contiveram o avanço bárbaro após a morte de Valente. Estes sucessivos triunfos parecem ter dado esperanças ao bispo, o qual já via naquele contexto a "prometida vitória futura" (*promittitur nobis futura victoria*). Além disso, segundo as elaborações ambrosianas, assim como as Escrituras haviam exposto os embates com os godos - os quais eram uma realidade concreta naquele contexto -, esperava-se que o restante da profecia também fosse verdadeira. Logo, sob este ponto de vista, assim como o os godos trariam perigos, eles seriam submetidos pelas forças romanas.

No discurso de Ambrósio, tanto a profecia de Ezequiel quanto a proteção concedida pelo "escudo da fé" (*scutum fidei*)<sup>15</sup> confeririam a vitória a Graciano. Notamos que o bispo exaltou a vitória como uma consequência da fé do governante, não como resultado de suas habilidades militares. A tradicional virtude da *victoria* recebeu tons cristãos. Guerrear contra

---

13 AMBROSIIUS, *De fide* II, 16, 138: "Gog iste Gothus est, quem jam videmus exisse, de quo promittitur nobis futura victoria, dicente Domino: 'Et depraedabuntur eos, qui depraedati eos fuerant, et despoliabunt eos, qui sibi spolia detraxerant, dicit Dominus. Eritque in die illa, debet Gog', hoc est, Gothis, 'locum nominatum, monumentum Israel multorum virorum congestum, qui supervenerant ad mare' (Ez. 39, 10-11)."

14 FRIGHETTO, Renan. *A antiguidade tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II - VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012, p. 126.

15 AMBROSIIUS, *De fide* II, 16, 136.

o inimigo continuava a ser um ponto significativo naquela eclesía que desenvolvia parte de seus modelos de conduta em concordância com as palavras ambrosianas. Todavia, os êxitos das empreitadas imperiais eram afeiçoados por Deus. Tal elaboração retórica amparava as ações triunfais do soberano terreno: escolhido pela divindade, o augusto receberia a proteção necessária para defender os romanos. E assim seria enquanto confessasse a ortodoxia - elaborada por autores pró-nicenos, evidentemente - e fomentasse sua proteção.

### **Inimigos domésticos e o amparo a fé nicena por parte de Graciano: edificações retóricas anunciadas no De fide**

Nestas circunstâncias, assim como enfrentava as tribos estrangeiras, o governante deveria combater os perigos internos do mundo romano materializados, em conformidade com os discursos de autores cristão-nicenos, nas multidões heréticas e pagãs. Entre os tantos grupos heterodoxos daquele contexto, os olhos ambrosianos estavam fixos nos representantes arianos do norte da Itália, afinal, estes eram seus inimigos mais próximos.

Todavia, neste cenário de questionamentos sobre a crença asseverada pelo Concílio de Niceia, o bispo milanês havia encontrado em Graciano um protetor da ortodoxia. E expressou claramente este apoio imperial: "Não há dúvida, santo imperador, de que padecemos da alheia perfídia da heresia; consideraremos em ti o auxílio da fé católica"<sup>16</sup>. Este imperador havia rechaçado o título de *pontifex maximus*<sup>17</sup>, requerera de Ambrósio um "pequeno livro" a respeito da fé episcopal e, no contexto de elaboração da obra *De fide* ou pouco tempo após a redação dos dois primeiros livros, solicitara a presença do bispo para lhe ensinar aquela doutrina, mesmo que o governante já acreditasse nela<sup>18</sup>.

Não à toa, sob o ponto de vista ambrosiano, todas estas ações positivas faziam de Graciano um *sanctus imperator*, aquele que beneficiaria a fé legítima e, com isso, protegeria o *imperium* e o povo de Deus.

Ainda no texto do *De fide*, em contraposição a esta época na qual a crença nicena recebeu o amparo imperial como sendo ortodoxa (correta) e universal (católica), Ambrósio confrontou a morte e o exílio dos confessores e a ordenação sacerdotal de traidores (proditor)<sup>19</sup>. Um momento considerado pelo bispo como aquele em que houve o rompimento da fidelidade com Deus por parte do Império dos romanos (*fides Romano imperio frangeretur*)<sup>20</sup>.

Certamente estas acusações episcopais referiam-se às ordenações amparadas especialmente no Concílio de Rimini, de 359, e aos exílios dos bispos Atanásio e Hilário - entre outros - impostos por imperadores anteriores<sup>21</sup>.

Bem como os martírios, os exílios citados nos textos ambrosianos traziam à memória contextos de malefícios empregados contra a fé católica. O que antes eram

---

16 AMBROSIIUS, *De fide* II, 16, 139.

17 Os pontífices eram responsáveis por controlar as ações da lei. Seu número modificou-se demasiadamente ao longo da Antiguidade romana. Acima de todos os pontífices, estava o *pontifex maximus*. Como principal figura religiosa das crenças politeístas romanas, ele tinha poderes de vida e de morte sobre as vestais e era sua atribuição elaborar o calendário. Conforme a etimologia, *pontifex* era aquele que "fazia pontes", ou seja, era reponsável por construir o caminho religioso do Império

18 GRATIANUS AUGUSTUS, *Gratiani ad Ambrosium Epistola*, 1: "*Festina igitur ad me, religiose Dei sacerdos, ut doceas doctrinam vere credentem.*"

19 AMBROSIIUS, *De fide* II, 16, 139-140.

20 AMBROSIIUS, *De fide* II, 16, 139.

21 Atanásio de Alexandria foi exilado cinco vezes, por imperadores distintos, entre 335 e 366. Hilário de *Pictavi-um* (atual Poitiers), outro propagador das ideias do Concílio de Niceia (325), sofreu um exílio de quatro anos (356 a 360) por ordens de Constâncio II.

---

---

condenações de ordem político-social, nos escritos cristãos transformaram-se em *exempla* de perseguições aplicadas aquela que era considerada como a verdadeira fé. De acordo com Natal Villazala, se por um lado o exílio era um castigo contra os bispos, era também uma referência de pureza doutrinal<sup>22</sup>, uma vez que o clérigo não refutava sua crença.

Nas obras de Ambrósio, os bispos exilados tornaram-se ícones no combate contra o arianismo, especialmente na época em que o milanês viveu sob o *imperium* de Valentiniano II e de Justina, simpatizantes das ideias *homoeans*. Aqueles representantes do cristianismo niceno tinham sido submetidos a penas que os excluía de seu ambiente habitual de convívio e, mesmo assim, haviam se mantido fiéis. Este era o modelo observado e apregoadado através das palavras ambrosianas.

Neste ensejo, vale apontar a ideia de Helena Amália Papa de que os conflitos gerados por exílios - e aqui incluo os martírios - foram utilizados como elementos agregadores no processo de elaboração dos discursos cristãos<sup>23</sup>. Enquanto exilados, estes sujeitos extremamente ativos declaravam suas crenças em outras localidades, diferentes de seu cenário usual, assim, multiplicavam-se os ambientes de recepção daquela fé. Pouco mais tarde, quando exilados e mártires passaram a ser utilizados como arquétipos por escritores cristãos, estas figuras sintetizavam em si a mais pura fidelidade a Deus e aos princípios de sua crença. Uma estratégia de edificação discursiva utilizada na literatura cristã como *tópos* do fiel genuíno e que também sustentava o valor da ortodoxia.

Além de exílios episcopais, a religião nicena também necessitou superar a morte de indivíduos que se mantiveram fiéis mesmo sob tortura. Sacrifício, perseguição, morte, ressurreição e vida eterna eram elementos típicos da retórica do martírio<sup>24</sup>. Em seus textos, Ambrósio destacava cuidadosamente cada uma destas noções ao mencionar os mártires. Afinal, esta era mais uma elaboração que legitimava e favorecia a ortodoxia, fato mencionado pelo bispo: “A morte dos mártires defendeu a religião (*religio*), aumentou a fé, fortaleceu a igreja (*ecclesia*). Venceram os mortos, os perseguidores foram vencidos”<sup>25</sup>. Neste ínterim, a atitude daqueles personagens perante os sofrimentos a eles infringidos comprovavam que a fé legítima vencía os medos terrenos e agraciava seus seguidores com a vida eterna, por isso, somente a fidelidade a Deus importava. Obviamente, esta fidelidade carregava consigo uma série de condutas e de valores que deveriam ser observados para que a graça fosse alcançada.

O autor completou sua tríade de transtornos para com a fé nicena através da rejeição à nomeação de traidores (*proditor*)<sup>26</sup> ao papel de sacerdotes. Conhecemos a importância da manutenção de redes de sociabilidades que congregavam e fortaleciam, no âmbito local e também no mais amplo - “universal” -, a crença nicena e os próprios líderes desta fé. Manter nas cátedras episcopais clérigos pró-nicenos era essencial para a sustentação e a propagação daqueles princípios. Por isso, o exílio e a deposição de bispos ortodoxos eram considerados significativos empecilhos para a causa nicena.

Lembremos que a própria cidade milanese enfrentara uma situação como

---

22 NATAL VILLAZALA, David. *De Ambrosio de Milán a Lérins: gestión del conflicto y construcción del poder episcopal en época Teodosiana (375- 450 d.C.)*. Tese de Doctorado presentada a la Universidad de León, Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Historia, 2010, p.176.

23 PAPA, Helena Amália. *A autoafirmação de um bispo: Gregório de Nissa e sua visão condenatório aos euomianos (360-394 D.C.)*. Tese doutoral apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Franca-SP, 2014, p. 34.

24 NATAL VILLAZALA, David. “Muerte, identidad y poder en Ambrosio de Milán”. In: BRAVO, Gonzalo; GONZÁLEZ SALINERO, Raúl (eds.) *Signifer: monografías y estudios de la Antigüedad Griega y Romana*. n. 38. *Formas de morir y formas de matar en la Antigüedad romana*. Madrid-Salamanca: Signifer Libros, 2013, p.379.

25 AMBROSIUS, *De ex. frat.* II, 45.

26 AMBROSIUS, *De fide* II, 16, 140.



esta pouco antes de Ambrósio ser nomeado *episcopus*. Sob o governo de Constâncio II, o bispo Dionísio, favorável ao credo niceno, fora deposto e exilado na Capadócia. Para ocupar seu lugar frente à ecclésia foi escolhido o ariano Auxêncio, antecessor de Ambrósio.

Portanto, segundo o discurso ambrosiano, excluir os exemplares bispos ortodoxos da convivência com os seus representava uma perturbação por parte do Império com relação à vontade de Deus. Tal desordem havia sido agravada com a morte dos mártires e com a ordenação de arianos às cátedras episcopais. Estas graves faltas ocasionaram a fratura da fidelidade com Deus. Fidelidade esta que estava sendo recuperada sob os cuidados de Graciano.

Ao confrontar em um mesmo parágrafo a ideia de que com Graciano a fé católica seria assistida e os exílios dos confessores e a ordenação de traidores<sup>27</sup>, o bispo milanês reprovou e repeliu as ações do passado e, concomitantemente, louvou os tempos presentes - estes sim contavam com um imperador esclarecido a respeito da crença nicena e benfeitor com relação a ela.

Esta acolhida imperial da fé nicena foi ainda reforçada no penúltimo parágrafo do segundo livro do *De fide*:

"Aqui não são as águias militares, nem o vôo das aves que conduzem um exército: senão teu nome e teu culto, Senhor Jesus. Aqui não é uma região de infiéis, senão a Itália que somente envia confessores; a Itália, testada tantas vezes, que nunca mudou; aquela que há tempos defendeste do inimigo bárbaro, agora também a reclamou. Agora não há aqui, por parte do imperador, uma intenção inconstante, senão uma fé fixa."<sup>28</sup>

Neste trecho, o bispo lançou mão da contraposição de crenças e de tempos ao rejeitar antigas tradições greco-romanas e enaltecer o presente, devido ao culto a Deus. O costume de interpretar os vôos e cantos dos pássaros para conferir conselhos de ações foi negado. Conforme a passagem acima, o exército romano não acompanhava mais os presságios vindos das aves, mas sim o culto a Jesus. Uma nova tradição ia sendo construída, com reformulações e recusas, e ia angariando espaço no cerne da comunidade milanesa.

Além desta argumentação, o bispo afirmou que a Itália, mesmo "testada tantas vezes" sempre produzira confessores, ou seja, símbolos da fé nicena. Motivo pelo qual Deus sempre a defendeu do inimigo. Com esta elaboração, o autor assegurou que a divindade ininterruptamente estivera ao lado dos romanos, todavia, somente a partir daquele momento aquela terra professava o "*nomen et cultus*" de Jesus, por isso, estava apta a ser requerida por ele. Naquele momento, a Itália tinha um imperador convencido de que os ideais nicenos deveriam ser resguardados. E assim, Graciano ganhava ares de protetor da ortodoxia e de um imperador que asseguraria benfeitorias a sua gente, pois liderava com o amparo divino.

A recepção dos dois primeiros livros do *De fide* certamente foi bem quista por Graciano, uma vez que, pouco tempo depois desta publicação, provavelmente em 380, o imperador solicitou que Ambrósio desse prosseguimento àquela obra. Seguramente não foi apenas a presença do bispo que incentivou Graciano a mudar a sede imperial para Milão em 381. Recordemos que esta cidade era bastante atraente naquele cenário do século IV. Todavia, contar com o apoio e com os conselhos de Ambrósio também atraía grandes vantagens ao governante e é fato que este requeria a presença do sacerdote para lhe prestar esclarecimentos sobre questões de fé religiosa.

27 AMBROSIIUS, *De fide* II, 16, 139.

28 AMBROSIIUS, *De fide* II, 16, 142: "*Non hic aquilae militares, neque volatus avium exercertium ducunt: sed tuum, Domine Jesu, nomen et cultus. Nom hic infidelis aliqua regio, sed ea quae confessores mittere solet Italia; Italia aliquando tentata, mutata numquam: quam dudum ab hoste barbaro defendisti, nunc etiam vindicasti. Non hic in Imperatore mens lubrica, sed fides fixa.*"

---

A historiografia alude que pouco após Ambrósio ter a aprovação de Graciano sobre os dois primeiros livros do *De fide* houve uma interessante troca de cartas entre o imperador e o bispo. Daniel H. Williams indica que, na primeira metade de 379, Graciano escreveu uma carta ao sacerdote milanês. Já McLynn propõe que o imperador tenha redigido este documento em 380, durante sua estada em Ilyricum. Certamente ela foi escrita pouco antes da *Epistola extra collectionem* 12 (1), uma correspondência do bispo ao governante redigida no outono de 379 ou entre março e abril de 380. Após examinar as datas sugeridas tanto por Williams como por McLynn, Liebeschuetz defende que a troca de cartas entre o imperador e o bispo tenha ocorrido no outono de 379<sup>29</sup>. Acreditamos que os argumentos analisados por este autor são bastante válidos. Sendo assim, seguimos suas orientações ao nos referirmos à datação destas epístolas.

Em conformidade com menções anteriores, na missiva de Graciano a Ambrósio, o imperador reclamou a presença do sacerdote para lhe doutrinar sobre a verdadeira fé a fim de que a “revelação da divindade” penetrasse em sua alma<sup>30</sup>. De acordo com Ambrósio, sua modéstia (*verecundia*) o impediu de correr em direção da clemência do governante. Por outro lado, o milanês reforçou que estava junto ao governante em espírito (*animus*) e em orações (*votum*)<sup>31</sup>. O motivo exato daquela ausência não nos foi revelado pela documentação. Liebeschuetz alegou que, pouco tempo antes, Graciano havia entregado aos arianos uma igreja em Milão<sup>32</sup>. Fato que certamente desagradaria ao bispo, porém, do ponto de vista imperial e prático, pacificaria possíveis atritos provocadores de desordens sociais.

Notamos que em sua carta, o imperador apresentou-se como “enfermo e frágil” (*ego infirmus et fragilis*) diante da unidade da Trindade, por isso, apesar de predicar esta noção, o fazia segundo suas forças, não na medida da divindade<sup>33</sup>. Por este motivo, convocou o sacerdote para ampliar o debate sobre o Espírito Santo com argumentos das Escrituras, pedido que moveu a publicação da obra *De Spiritu Sancto*, em 381, por parte de Ambrósio. Após esclarecer suas requisições, o imperador despediu-se: “Que a divindade te conserve por muitos anos, pai e seguidor do Deus eterno”<sup>34</sup>.

Percebemos que o governante apresentou-se como um discípulo de Ambrósio quando o assunto era sua crença religiosa. Apesar de reconhecer a Trindade, ele ansiava por conhecê-la mais profundamente. Para isso, recorria ao bispo, afinal, segundo ressaltou Graciano, aquele sacerdote professava as palavras de Deus (*cultor Dei aeterni*). A procura imperial por saberes advindos de Ambrósio corroborava e intensificava a auctoritas deste personagem. Concomitantemente, celebrava a fé nicena, visto que ela era reclamada pelo soberano terreno dos territórios romano-ocidentais.

Tal correspondência teve como resposta a *Epistola extra collectionem* 12 (1), redigida provavelmente no outono de 379. Nela, Ambrósio mencionou que havia enviado a Graciano os dois primeiros livros do tratado *De fide* e que naquele momento concentrava-se na escrita do *De Spiritu Sancto*<sup>35</sup>.

---

29 WILLIAMS, Daniel H. WILLIAMS, Daniel H. *Ambrose of Milan and the end of the Nicene-Arian conflicts*. New York: Oxford University Press, 1995, p. 148; MCLYNN, Neil B. *Ambrose of Milan: Church and Court in a Christian Capital*. Berkeley: University of California Press, 1994, p. 115; LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. *Ambrose of Milan: Political Letters and Speeches*. 2<sup>a</sup> ed. Series Translated Texts for Historians. Liverpool: Liverpool University Press, 2010, p.273.

30 GRATIANUS AUGUSTUS. *Gratiani ad Ambrosium Epistola*, 1: “sed ut magis aperto pectori revelatio divinitatis insidat.”

31 AMBROSIUS, *Ep. ex. coll.* 12 (1).

32 LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. *op. cit.*, p. 273.

33 GRATIANUS AUGUSTUS, *Gratiani ad Ambrosium Epistola*, 2.

34 GRATIANUS AUGUSTUS, *Gratiani ad Ambrosium Epistola*, 3: “Divinitas te servet per multos annos, parens, et cultor Dei aeterni.”

35 AMBROSIUS, *Ep. ex. coll.* 12 (1), 7.

“Do bispo Ambrósio ao beatíssimo augusto Graciano, cristianíssimo príncipe”<sup>36</sup>. Já no cabeçalho, observamos que o bispo delineou seu destinatário como “beatíssimo” e “cristianíssimo”. A figura imperial que até então era louvada em diversos discursos com qualificações positivas, através de suas virtudes e títulos tradicionais, como *augustus*, *imperator* e *princeps* recebeu atributos religiosos pela pena de Ambrósio. Como “beato”, o governante secular dos romanos era abençoado pela comunidade religiosa, mais especificamente pelo bispo, por devotar respeito a Deus. No papel de “cristão”, representava a verdadeira fé. O “primeiro entre os homens” agora teria alcunhas religiosas que legitimariam sua primazia, ao passo que fortaleceriam a crença por ele salvaguardada.

É importante observarmos que a mensagem de um discurso não dependia apenas das palavras ali encadeadas. Também eram necessárias as condições sociais favoráveis para sua preparação e aceitação. Sendo assim, as elaborações levadas a cabo por Ambrósio deveriam “caber” naquele contexto. O escritor precisava de tempo, habilidades, aporte financeiro e político-social para exercer suas atividades autorais. Edificadas as mensagens, elas tinham que ser compreendidas por sua audiência para que fossem aceitas e difundidas.

Seguindo a antiga noção de que o imperador agia em prol do bem maior de sua sociedade, acrescentou-se a este indivíduo o caráter de ser “cristianíssimo”, desta forma, ele deveria proteger os fiéis cristãos-nicenos, para eles deveria governar e, para tanto, necessitava erradicar as crenças errôneas. O “bem comum” encarnava, então, a identidade cristã. Toda a comunidade seria beneficiada caso houvesse a tutela do Deus exaltado no Concílio de Niceia.

Neste ínterim, percebemos um caso prático de elementos que auxiliaram nas transformações da noção de uma *civitas romanorum* em uma *civitas christianorum*. Na *Epistola extra collectionem* 12 (1), o autor explicou que não conhecia nenhum termo mais verdadeiro e glorioso do que “cristianíssimo príncipe”<sup>37</sup>. Subsídios retóricos, é fato, mas que ao serem propagados através das palavras escritas e faladas, com o passar dos anos, tornaram-se realidades concretas na memória daquela sociedade. Um ideal elaborado e disseminado ganhava autenticidade e construía uma figura imperial cristã.

Ambrósio afirmou que, apesar de não estar presente na chegada de Graciano a Milão, rezava para o benefício do imperador. E que tais orações não eram apenas devido a uma dívida pública (*officius publicus*), mas também devido a sua afeição pessoal (*amor privatus*)<sup>38</sup>. O autor expôs seu agradecimento:

“De fato, para mim, restauraste o descanso da eclesía, calaste as bocas - poderia também [ter calado] os pensamentos - dos pérfidos: e fizeste isso não menos com a fé tanto quanto com a autoridade de seu poder.”<sup>39</sup>

Em concordância com esta assertiva, as ações de Graciano em favor da ortodoxia tinham trazido paz à eclesía milanesa. Por respeitar sua fé e lançar mão de seu poder como imperador, o governante prestou importantes auxílios aos nicenos. É interessante percebermos que no contexto em que os dois primeiros livros do *De fide* estavam sendo redigidos, entre 376 e 378, foi promulgada uma constitutio favorável a “santidade da religião católica” (*religione*

---

36 AMBROSIIUS, *Ep. ex. coll.* 12 (1): “*Beatissimo augusto Gratinano, et christianissimo principi AMBROSIIUS episcopus.*”

37 AMBROSIIUS, *Ep. ex. coll.* 12 (1), 1.

38 AMBROSIIUS, *Ep. ex. coll.* 12 (1), 2.

39 AMBROSIIUS, *Ep. ex. coll.* 12 (1), 2: “*Reddidisti enim mihi quietem Ecclesiae, perfidorum ora, atque utinam et corda, clausisti: et hoc non minore fidei, quam potestatis auctoritate fecisti.*”

---

---

*catholicae sanctitatis*) em contraposição às reuniões heréticas (*coetus haereticus*), consideradas como uma improbidade (*improbitas*)<sup>40</sup>. Além disso, em agosto de 379, com o apoio de Valentiniano e de Teodósio, Graciano proclamou, a partir de Milão, que todas as heresias estavam “perpetuamente inativas de acordo com as leis de Deus e dos imperadores”<sup>41</sup>.

É impossível aferirmos qual a real participação de Ambrósio na proclamação destas leis. Todavia, o influxo de seus escritos provavelmente inspirou tais decisões. Alan Watson alude que mesmo que o bispo milanês não tenha influenciado diretamente as disposições imperiais, suas preocupações a respeito da comunidade católica impactaram a legislação daquela época. Pois, como era próprio do processo de elaboração das *constitutiones*, elas somente podiam ser entendidas quando verificados seu contexto de produção e quem eram seus legisladores. As reestruturações de antigas legislações e a promulgação de novas normas durante o século IV d.C., em grande parte, devem suas particularidades a inquietações e costumes cristãos disseminados na cultura jurídica dos legisladores<sup>42</sup>. Lembremos que, segundo Ambrósio, naquele contexto os ideais nicenos estavam sendo valorizados, motivo que levou Graciano a querer compreendê-los<sup>43</sup>. Neste cenário, é interessante notamos a multiplicidade de canais favoráveis a disseminação dos discursos pró-nicenos.

Qualquer que fosse o caso, com ou sem participação direta de Ambrósio, legislações como estas corroboravam as crenças nicenas como ortodoxas, difundiam noções aprovadas por imperadores e expandiam o número de fiéis nicenos, os quais encontravam amparo em comunidades religiosas cada vez mais fortes e legítimas. Neste ínterim, recordamos que a legitimidade de um indivíduo, de um grupo ou de uma instituição era construída com base em discursos - de natureza diversificada - considerados autênticos e, para tanto, deveriam ser anunciados por um locutor também aprovado socialmente.

A fim de exaltar ainda mais a qualidade do cristianismo adotado por Graciano, Ambrósio ressaltou que o imperador havia escrito a ele “com suas próprias mãos; como se a própria carta falasse de sua fé e piedade”<sup>44</sup>. Ao redigir de próprio punho uma correspondência, o governante dava provas de que mantinha com o bispo vínculos pessoais, indo além das regras da administração pública que exigia o relacionamento entre a figura imperial e determinados funcionários do Império dos romanos. Naquela época, era comum o imperador contar com os serviços de escribas e/ou secretários particulares responsáveis por transformar as palavras ditadas pelos governantes em palavras grifadas. No caso desta correspondência a Ambrósio, Graciano dispensou os serviços especializados e ali registrou sua ordem, seus anseios e sua debilidade nos assuntos da fé nicena.

O imperador não só desejava a presença de Ambrósio como gravou isso com suas mãos. Outra situação que nos assegura a proximidade entre estes personagens. Além disso, segundo o ponto de vista ambrosiano, esta atitude por parte do governante já elucidava a força de sua crença. Neste ínterim, o autor utilizou as virtudes da fé (*fides*) e da piedade (*pietas*) para caracterizar Graciano.

---

40 C.Th. XVI, 5, 4.

41 C.Th. XVI, 5, 5: “*Omnes vetitae legibus et divinis et imperialibus haereses perpetuo conquiescant.*”

42 WATSON, Alan. “Religious and gender discrimination: St. Ambrose and the Valentinians”. In: FALCHI, Ioannes Aloisius (dir.). *Studia et documenta - historiae et iuris*. Roma: Pontificia Universitas la Teranensis, 1995, pp.314; 325. O clássico trabalho de Biondi Biondi, *Il diritto romano cristiano* (1952), examina muitos elementos de influência cristã que se alastraram na reconstrução de leis romano-cristãs, especialmente no período entre os governos de Constantino e de Justiniano. BIONDI, Biondi. *Il diritto romano-cristiano*. vol. I. Milão: Giuffrè, 1952.

43 AMBROSIIUS, *De fide I, prologus*.

44 AMBROSIIUS, *Ep. ex. coll.* 12 (1), 3: “*Scriptisti tua totam epistolam manu; ut ipsi apices fidem tuam pietatemque loquerentur.*” (Grifos são meus.)

Ambos os valores ficaram conhecidos como “virtudes imperiais”, visto que faziam parte do rol de qualificativos que deveriam integrar a figura imperial. Evidentemente, ao longo dos anos, observamos reelaborações em torno destes elementos, de acordo com o contexto em que se vivia; em certas épocas, algumas virtudes ganhavam mais relevância do que outras.

Assim como a *pietas* promovia relações favoráveis mantenedoras da união e da ordenação no mundo romano, a fides assegurava o apoio divino prestado ao Império dos romanos, enquanto o imperador mantivesse suas responsabilidades perante Deus. Estas duas antigas virtudes imperiais legitimavam o papel do augusto como promotor do bem para seus súditos e, ao serem incrementadas com disposições cristãs, concediam a ele traços de um governante cristão.

Nesta mesma missiva, a clemência (*clementia*) e a glória (*glória*)<sup>45</sup> também valoraram a figura imperial. A clemência consolidava a auctoritas do augusto. Ela se opunha a *crudelitas* e constituía-se no poder do imperador de perdoar, não indistintamente, mas apenas aqueles que poderiam retornar ao bem<sup>46</sup>. Esta tradicional disposição romana compunha perfeitamente o imperador cristão desejado, idealizado e construído pelo bispo milanês.

Tal qualidade também adornou Graciano no livro III do *De fide*, onde o governante foi chamado de “imperador clementíssimo” (*clementissimus imperator*)<sup>47</sup> e, de acordo com o bispo, devido a esta virtude, ele havia sido convocado para continuar aquele tratado<sup>48</sup>. Neste discurso, novamente, uma tradicional virtude, disseminada no interior da paideia e requerida de um governante, passava a beneficiar a ortodoxia religiosa. Fora a clemência imperial, o desejo de Graciano de perdoar os súditos que tinham agido incorretamente, que impulsionou a escrita dos outros três livros do *De fide*.

Já a glória envolvia três condições: o amor da multidão, sua confiança (*fides*) e a admiração merecedora de honrarias (*honor*)<sup>49</sup>. Sendo assim, esta valoração evocava o reconhecimento público das qualidades do governante. Ao elaborar um discurso que glorificava Graciano, o autor registrava a grandiosidade dos feitos imperiais, mais do que isso, a glória visava eternizar empreitadas merecedoras de serem lembradas. Logo, uma pessoa revestida por tal virtude seria lembrada por seus súditos, teria seus feitos propagados pela voz, pela tinta e por outros monumentos, desta forma, entraria para o rol da história dos romanos. Com uma primorosa retórica, a epístola do bispo milanês evidenciou a fidelidade do augusto aos princípios nicenos. Uma atitude seguramente gloriosa, que deveria ser reverenciada publicamente e copiada. E, novamente, a parceria entre a verdadeira fé e o imperador cristão era renovada.

Para completar o rol de qualificativos imperiais desta carta, o autor voltou a mencionar a humildade (*humilitas*)<sup>50</sup> de Graciano em querer aprender com ele. Piedoso, fiel, clemente, glorioso e humilde, desta forma Ambrosio delineava seu “beatíssimo augusto Graciano”, seu “cristianíssimo príncipe”, aquele capaz de devolver “o descanso da ecclésia”.

### Considerações finais

Em um momento em que os dogmas do cristianismo niceno se configuravam, através do seu tratado *De fide*, Ambrósio elaborou discursos identificadores de fiéis

45 AMBROSIUS, *Ep. ex. coll.* 12 (1), 7; 10.

46 PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica. vol. II. Cultura Romana*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d, pp.358 - 363.

47 AMBROSIUS, *De fide*, III, 1, 1.

48 AMBROSIUS, *De fide*, III, 1, 2.

49 PEREIRA, *op. cit.*, p.333.

50 AMBROSIUS, *Ep. ex. coll.* 12 (1), 4.

---

---

cristãos e de um augusto comprometido com a fé considerada como autêntica pelo bispo. Concomitantemente, delineou os godos como desordeiros e perversos. E, novamente, louvou as atitudes imperiais: eleito por Deus, Graciano defendia seu povo.

Uma vez que as argumentações ambrosianas indicavam crenças e ações avaliadas como legítimas, desqualificavam qualquer outra noção ou prática que não seguissem fidedignamente o que propunha as Escrituras Sagradas, o credo niceno e mesmo seus sermões e textos. O correto deveria ser resguardado pela figura imperial. Os erros, consertados ou banidos daquela sociedade. No discurso do milanês, alguns destes erros receberam representações físicas: os godos foram delineados como ferozes, já os arianos receberam a alcunha de hereges.

Entretanto, segundo a retórica do bispo, todas estas falhas poderiam ser erradicadas do convívio dos romanos especialmente devido às ações de Graciano. Guerrear contra tribos estrangeiras sempre fez parte das funções imperiais. E Graciano continuava firme no propósito de defender os territórios romanos destes grupos. Todavia, neste governante, Ambrósio encontrou quem afiançasse os princípios apresentados no Concílio de Niceia. Também foi este augusto quem solicitou e permitiu que o bispo esclarecesse a ele - e consequentemente a comunidade milanesa - a respeito desta crença. Escolhido por Deus e protetor de seu povo contra ameaças internas e externas, sob a pena de Ambrósio, Graciano recebeu o título de "beatíssimo e cristianíssimo príncipe". Edificava-se, então, um representante perfeito para salvaguardar a verdadeira fé e seus fiéis.